MONÇÕES
Revista de Relações Internacionais da UFGD
ISSN 2316-8323

ENTREVISTA COM J. ANN TICKNER

ENTREVISTADORAS
KATIUSCIA MORENO GALHERA
Doutoranda em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas e professora voluntária do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal da Grande Dourados.

TCHELLA MASO
Mestra em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília e professora do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal da Grande Dourados.

TRADUTORA
RENATA PRETURLAN
Consultora da Comissão Interamericana de Direitos Humanos. Mestra em Sociologia e graduada em Relações Internacionais pela Universidade e São Paulo (USP).

1. A senhora poderia nos contar um pouco sobre sua trajetória acadêmica, particularmente sobre quais autoras feministas orientaram suas primeiras publicações em Relações Internacionais[1]? Em uma entrevista de 2013, por exemplo, a senhora mencionou "*Gender and Science*", de Keller[2]. Há outras influências, especificamente entre as feministas da segunda onda? Como a senhora se situaria no pensamento feminista em geral, para além das fronteiras disciplinares?

Eu comecei minha jornada acadêmica como uma cientista política, especializando-me em Relações Internacionais (IR). Durante os primeiros anos em que lecionei, nunca fui exposta a qualquer trabalho feminista, de modo que minha conscientização feminista veio do fato de me sentir alienada em relação ao que era, naquele momento, uma disciplina muito masculina, na qual havia poucas mulheres autoras e certamente nenhuma feminista para recomendar ao

[1] TICKNER, J. Ann. Hans Morgenthau's principles of political realism: A feminist reformulation. *Millennium*, v. 17, n. 3, p. 429-440, 1988.
[2] KELLER, Evelyn Fox. Gender and science. In: HARDING, Sandra; HINTIKKA, Merrill B. (ed.). *Discovering reality: Feminist perspectives on epistemology, metaphysics, methodology, and philosophy of science*. Nova Iorque: Springer Science & Business Media, 2003..

corpo discente. Comecei a lecionar na década de 1980, durante a Guerra Fria, e os conteúdos eram em sua maioria sobre homens em sua condição de especialistas em segurança nacional, diplomatas e soldados; nos Estados Unidos o foco era o conflito entre grandes potências. Prescrições para a sobrevivência do Estado em um sistema "anárquico", centrado na maximização de poder, autonomia e ação estrategicamente racional, características que associamos com a masculinidade. Foi nesse contexto que eu acabei lendo o livro de 1985 de Evelyn Fox Keller, *Reflections on Gender and Science*, no qual ela afirmava que as ciências naturais eram generificadas, e generificadas como masculinas, com relação aos tipos de perguntas que se colocam e à maneira como costumam respondê-las. Ocorreu-me que se poderia afirmar o mesmo das Relações Internacionais. Mas naquele momento, no final dos anos 1980, não havia literatura feminista em RI na qual eu pudesse me basear para desenvolver essas ideias, então procurei trabalhos feministas na sociologia, psicologia e filosofia. Meu trabalho nunca foi confinado por fronteiras disciplinares, algo que é bastante consoante com o conhecimento feminista de forma mais ampla. Contudo, eu sempre me posicionei como uma teórica de RI em primeiro lugar, pois acredito que é uma das disciplinas que mais precisam de perspectivas feministas.

2. Como a senhora definiria o Feminismo nas/das RI? A senhora poderia diferenciar essa abordagem de outras que simplesmente incorporam gênero como uma variável analítica?

É importante ver gênero em RI e não apenas ver as RI feministas como uma abordagem distinta das RI. Para compreender por que isso é importante, é necessário entender o que a maioria das feministas quer dizer com gênero. A maioria das feministas vê gênero como uma construção social na qual a masculinidade é associada com características como poder, racionalidade e autonomia, e feminilidade com seus opostos: fraqueza, emoção e interdependência. Devemos lembrar que gênero se refere tanto a masculinidade e homens quanto a mulheres e feminilidade. Gênero é uma identidade que

resulta em certas expectativas a respeito do que significa ser um homem ou uma mulher. E é possível que as mulheres se comportem de maneiras masculinas; de fato, muitas líderes mulheres bem-sucedidas tentaram fazer exatamente isso. Apesar de que é difícil para a disciplina compreendê-lo, gênero está em todo lugar e todas as abordagens das RI – realismo, liberalismo e construtivismo – são generificadas. Quando eu ensino teoria de RI, eu tento incluir leituras que oferecem críticas feministas de todas essas diferentes abordagens. Por exemplo, no realismo em RI, poder, racionalidade e autonomia, características que associamos com a masculinidade, são prescritas como a melhor maneira para que os Estados garantam sua sobrevivência. Tais identidades são impossíveis de quantificar. Portanto, entender gênero como uma variável que pode ser medida decorre de perguntas de pesquisa bastante distintas que podem ser respondidas por meio de metodologias positivistas, segundo as quais gênero é geralmente um sinônimo de mulheres. Analisar estruturas profundas que atuam em todas as sociedades, resultando em expectativas sobre como "homens de verdade" e Estados devem se comportar, é algo que é impossível de se compreender usando metodologias positivistas.

3. Pode-se considerar todos os Feminismos em RI metodologicamente como pós-positivistas ou derivados da teoria crítica, nos termos de Robert Cox? Como poderíamos classificar teorias quantitativas do *mainstream*, geralmente elaboradas por uma certa ciência masculinizada que simplesmente incorpora gênero como uma variável (independente ou dependente)?

Acho que a maioria das feministas das RI, inclusive eu, se considerariam pós-positivistas, pois não pensam que a teoria positivista é adequada para responder ao tipo de perguntas que elas colocam, como por que os Estados podem valorizar o conflito ao invés da cooperação e como estruturas como a divisão global generificada do trabalho – que geralmente oferece às mulheres a trabalhos com pior remuneração comparados aos dos homens – se tornaram tão fortemente arraigadas no sistema internacional. Como mencionei acima, pós-

positivistas afirmam que gênero é uma construção social, não uma variável que possa ser medida. A maioria das feministas pós-positivistas (porém não todas) estariam confortáveis com a noção de Cox de teoria crítica: um compromisso com teoria emancipatória ou teoria que busca conhecimento que possa ajudar a tornar o mundo um lugar melhor. Como o feminismo emergiu de movimentos sociais dedicados a melhorar as vidas das mulheres, é provável que as feministas apoiariam teorias emancipatórias. Algumas acadêmicas que usam métodos quantitativos e gênero como uma variável se consideram feministas na medida em que estão fazendo perguntas sobre mulheres – por exemplo, sobre a incidência da violência sexual, o número de mulheres em postos de formulação de política externa e nas forças armadas, ou se os Estados que têm maior igualdade de gênero são menos propensos à guerra. Como afirmei anteriormente, é na maneira como respondem a essas perguntas que elas se diferenciam das feministas pós-positivistas. Mas também devemos lembrar que dados são extremamente importantes para entender a subordinação de gênero. Quando a ONU começou a desagregar seus dados por sexo nos anos 1970, foi a primeira vez que as questões das mulheres ganharam a atenção da comunidade internacional. São as metodologias utilizadas para analisar esses dados que distinguem positivistas e pós-positivistas.

4. A senhora concordaria com a premissa de que os Feminismos nas RI se afastam do feminismo como movimento social devido à radicalização que ele pode apresentar?

Enquanto a ciência política cresceu para servir aos interesses dos Estados, o feminismo emergiu dos movimentos sociais dedicados a melhorar as vidas das mulheres. Acho que é vital que o feminismo e os movimentos sociais de mulheres permaneçam conectados. O feminismo tem uma agenda radical no sentido em que as ideias que promove para transformar estruturas existentes que prejudicam as mulheres exigiriam mudanças radicais das estruturas de poder existentes. Em todas as partes do mundo, as mulheres estão em desvantagem com relação aos homens, embora em graus muito diferentes a

depender da raça, classe e localização geográfica. A agenda do feminismo acadêmico é entender por que é assim. Trabalhar com os movimentos sociais é vital para que mudanças aconteçam.

5. Como a senhora avalia o estágio atual das pesquisas feministas em RI? Apesar do reconhecimento que ganharam intelectualmente, a senhora pensa que estão avançando no sentido de superar a violência de gênero na academia e em outros espaços sociais? Ou o feminismo em RI simplesmente incorpora a variável gênero, como ressalta Weber (2015)?

Eu entendo que o que você quer dizer com violência de gênero é não prestar atenção a diferentes vozes e posições. Eu penso que o feminismo se tornou muito consciente sobre a necessidade de superar a violência de gênero nesse sentido. Nos últimos dez anos, o feminismo se tornou muito atento a questões de interseccionalidade, levando em consideração as diferentes identidades e experiências das mulheres não-brancas, lésbicas e pessoas transgênero. Recentemente, os feminismos das RI têm prestado mais atenção à teoria *queer*. A publicação do livro de Cynthia Weber "*Queer International Relations*" ("Relações Internacionais Queer", em tradução livre), em 2016, foi um marco e espero que outros trabalhos como este sejam realizados. Minhas respostas às perguntas anteriores indicam que eu não considero que a maioria dos feminismos das RI incorporam gênero apenas como uma variável. O feminismo está particularmente interessado na construção social de identidades de gênero e nas profundas estruturas políticas, sociais e econômicas que perpetuam a subordinação das mulheres (e de outras minorias).

6. Qual é a sua perspectiva a respeito do futuro dos estudos internacionais? As RI tendem a se manter como uma área fechada, protegendo fronteiras disciplinares e marginalizando perspectivas não-hegemônicas, ou estaria a alta política reafirmando que perspectivas alternativas não pertencem às RI?

A preocupação das RI com a “alta política”, entendida como a política da segurança nacional e o predomínio de metodologias positivistas para explicar o comportamento de segurança dos Estados, certamente restringe a aceitação de abordagens críticas. É difícil generalizar a respeito de um campo que varia muito de acordo com a localização geográfica. Nos Estados Unidos, o predomínio da escolha racional e metodologias quantitativas parece, na verdade, estar ficando mais forte, levando por consequência a um estreitamento do campo. Isso é menos pronunciado na Europa e Austrália, lugares com os quais tenho alguma familiaridade. Proteger fronteiras disciplinares me parece ter mais relação com considerações metodológicas do que de conteúdo. Acredito que a razão pela qual as RI feministas têm dificuldade em ser reconhecidas nos Estados Unidos tem mais a ver com as metodologias pós-positivistas com as quais a maioria das feministas trabalham do que com seu objeto. Nos Estados Unidos, as RI geralmente se encontram em departamentos de ciência política e isso contribui para a estreiteza do campo. Quando as RI são interdisciplinares, como penso que deveria ser, há menos proteção de fronteiras disciplinares. E, certamente, privilegiar a alta política (em si um termo generificado) ou a política da segurança nacional contribui para fazer com que outras abordagens pareçam menos importantes.

7. Como a senhora avalia o cenário internacional atual?

Certamente, o sistema internacional está num período de grande incerteza, e o potencial para a ampliação de conflitos é muito alto. As guerras de hoje estão gerando refugiados em uma escala sem precedentes, a maioria dos quais são mulheres e crianças. Apesar do fato de que a violência sexual e de gênero (SGBV, na sigla em inglês) tenha sido finalmente reconhecida como uma questão de preocupação para a comunidade internacional, o nível de SGBV, particularmente em situações de conflito e pós-conflito, é inaceitavelmente alto. Enquanto é verdade que as mulheres progrediram desde que as questões das mulheres se tornaram parte da agenda internacional nos anos 1970, também ainda é verdade que o mundo é um lugar difícil para muitas mulheres e crianças.

E, apesar da adoção da agenda de Mulheres, Paz e Segurança (WPS, na sigla em inglês), oito resoluções do Conselho de Segurança da ONU que recomendam a participação das mulheres em todos os estágios da provisão de segurança e processos de paz, o número de mulheres em forças de paz e como negociadoras de acordos de paz permanece muito pequeno. O compromisso pela comunidade internacional para atender as necessidades das mulheres foi reconhecido em princípio, mas ainda é falho em sua implementação.

8. Depois da eleição de Trump, quais devem ser nossas expectativas a respeito dos direitos das mulheres nos EUA? Com tantas propostas conservadoras em sua campanha eleitoral, as feministas se tornarão alvos da política reacionária e/ou repressão por alguns segmentos sociais? Como isso impactará as relações internacionais?

A agenda do governo Trump a respeito das mulheres é um sério retrocesso para os direitos das mulheres, tanto no nível interno quanto internacional. Internamente, os direitos reprodutivos das mulheres estão sob ameaça. Muitos legislativos estaduais já aprovaram leis restritivas a respeito dos direitos reprodutivos, aborto e restrições na provisão de atendimento à saúde materna. O Congresso dos EUA está a ponto de retirar financiamento do Planned Parenthood, um dos maiores ofertantes de atendimento em saúde para mulheres de baixa renda. Estou menos preocupada com as mulheres privilegiadas, que têm mais opções de atendimento em saúde, e mais preocupada com as mulheres pobres, para as quais esses serviços médicos são vitais. E as mulheres privilegiadas têm mais recursos de forma geral para reagir contra políticas prejudiciais. Internacionalmente, a situação é muito grave. Apesar de ter um futuro incerto no Congresso dos EUA, a proposta de orçamento do Presidente Trump corta cerca de 30% dos orçamentos do Departamento de Estado dos EUA e da USAID, importantes financiadores de programas de desenvolvimento. No seu segundo dia de mandato, o Presidente Trump restabeleceu a política da Cidade do México, também conhecida como “Regra da Mordaça Global”, que havia sido implementada inicialmente pelo Presidente Reagan em 1984,

revogada por governos democráticos e restabelecida por todos os governos republicanos desde então. A Regra da Mordaça veta financiamento para qualquer organização de saúde global que ofereça serviços relacionados ao aborto. Em governos republicanos anteriores, isso somava aproximadamente 575 milhões de dólares. Contudo, o governo Trump a expandiu para toda a assistência em saúde global dos EUA, incluindo saúde materna e infantil, nutrição, HIV/AIDS e doenças infecciosas – chegando a até 9,5 bilhões de dólares. Os EUA estavam fazendo importantes avanços, especialmente quando Hillary Clinton era Secretária de Estado, na implementação da agenda WPS, e eram reconhecidos como um dos países líderes na promoção dos direitos das mulheres internacionalmente; assim, trata-se de um retrocesso muito grave. Já foi amplamente demonstrado que os Estados onde os direitos das mulheres são respeitados têm melhor desempenho em termos de desenvolvimento econômico; eles também sofrem menos conflitos, de modo que garantir os direitos das mulheres é bom de forma geral.

9. Durante algumas décadas, os movimentos feministas foram guiados por perspectivas teóricas elaboradas nos EUA e na Europa (principalmente na França). Contudo, abordagens descentralizadas baseadas nas experiências de outras mulheres ganharam proeminência, como os Feminismos Latino-americanos, Indígenas e Comunais. Como a senhora vê esses esforços? Há bandeiras universais com relação às lutas feministas ou tais visões cosmopolitas obscurecem demandas específicas de certos locais e sociedades?

Eu concordo que abordagens teóricas diferentes daquelas desenvolvidas nos EUA e na Europa e baseadas nas diferentes experiências das mulheres estão ganhando reconhecimento. Isso deve ser aplaudido. Teóricos/as pós-coloniais estão nos encorajando a ouvir aquelas vozes que foram silenciadas por opressores coloniais. O conhecimento indígena, que tem muitas similaridades com o feminismo, tem muito a nos ensinar a respeito de como resolver alguns de nossos problemas atuais. Acadêmicos/as indígenas de várias partes do

mundo estão nos oferecendo algumas ideias muito diferentes a respeito de nossos estilos de vida, que são mais sensíveis às restrições ecológicas e de recursos. Se vamos garantir que nosso mundo seja sustentável para as gerações futuras, precisaremos ouvir outras vozes. E as feministas do Ocidente temos que ser muito cuidadosas para não impor nossas visões e falarmos por outras mulheres. Há muito que podemos aprender a partir das lutas das mulheres que são vibrantes e contínuas em todos os lugares onde os direitos das mulheres são violados. O conhecimento local é o tipo mais valioso de conhecimento para nos ajudar a entender opressões particulares que as mulheres enfrentam diariamente.

10. A senhora poderia citar alguns dos avanços dos movimentos feministas e seus desafios hoje?

Desde a Década das Mulheres da ONU (1975-1985), a ratificação da Convenção para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (CEDAW, na sigla em inglês) (1979), a Plataforma de Ação da Conferência Mundial sobre a Mulher da ONU, em Pequim em 1995, e a adoção da agenda de Mulheres, Paz e Segurança nos últimos quinze anos, os movimentos de mulheres promoveram avanços extraordinários. Contudo, a implementação dessas várias convenções e acordos tem sido muito mais lenta; alguns Estados estão avançando enquanto outros ficam para trás. Há muito a se celebrar com relação aos progressos que os movimentos de mulheres fizeram, mas ainda há muito a ser feito. Vivemos em um mundo em que os direitos das mulheres são constantemente violados e onde a violência contra as mulheres ainda não é levada a sério. Tornar o mundo seguro para as mulheres faria o mundo mais seguro para todas as pessoas.

Entrevista conduzida durante o mês de maio de 2017.